

# EDITORIAL

Larissa Molina Manfré  
Mestranda em História – PPGH/UNESP

Apresentamos, com imenso apreço, o segundo número do 14º volume da revista História e Cultura, fruto do consistente trabalho dos(as) discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Esta edição conta com trabalhos referentes ao segundo semestre de 2025, dentre esses, nove artigos compõem o dossiê temático “História e Literatura no Tempo Presente”, organizado pelos discentes Pedro Eurico Rodrigues e Tathiana Cristina da Silva Anízio Cassiano, doutorandos em História do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC). O presente número também conta com uma entrevista e dezenove artigos de temas diversos.

A temática do dossiê representa uma discussão historiográfica longeva, já muito visitada e que não perde sua relevância, sendo indispensável para o arcabouço acadêmico dos historiadores. Grandes nomes já exploraram a correlação entre História e Literatura, como Nicolau Sevcenko (1985) com sua célebre obra *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

Nesse trabalho, que começou como sua tese de doutorado, Sevcenko demonstra a partir de suas fontes — principalmente as obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto — como, no Brasil, a virada do século XIX para o século XX é marcada por mudanças profundas, “mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo *mudanças que se transformaram em literatura*”, de maneira que “os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de *observar, sentir, compreender, nomear e exprimir*” (Sevcenko, 1985, p. 237, grifos meus). Diante disso, o autor observa como os textos literários, artísticos, tornam-se, especialmente nesse período, termômetros notáveis das transformações mentais e sensíveis da sociedade brasileira (Sevcenko, 1985, p. 238). O historiador, em última instância, joga luz sobre a dimensão histórica da literatura, instituição capaz de carregar traços da mentalidade e das sensibilidades de uma determinada época, os quais, permanecem gravados, plasmados na linguagem (Sevcenko, 1985, p. 241).

Por isso, como constata Sevcenko, “lê-se a história simultaneamente ao ato de ler-se literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura” (Sevcenko, 1985, p. 241), e é esse “quem” a intersecção central da relação História-Literatura: o literato. É ele que tem seu labor atravessado pelo poder alegórico pertencente a literatura, é ele que, sabendo bem articular as palavras, tem todo o poder simbólico em mãos. E, afinal, “haverá outra forma de poder mais legítima aos olhos dos homens?” (Sevcenko, 1985, p. 248).

É justamente por essa via, que explora as possibilidades do complexo diálogo entre História e Literatura, que seguem os autores dos artigos do dossiê, como é o caso do *Entre o Real e o Inventado: O Conceito de Ficção a Partir de Hayden White e Ivan Jablonka*, texto no qual Edmo Videira Neto e Julia Ferrarezi Petrato — doutor e mestrandona Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) — investigam a maneira como os historiadores Hayden White e Ivan Jablonka entendem o conceito de ficção e qual a participação desse conceito no processo de produção historiográfica.

Nessa mesma direção, segue o artigo *O Lugar das Crônicas: A Literatura do Cotidiano para a História* cujo objetivo é contribuir com o já inaugurado debate historiográfico acerca das contribuições da literatura para os estudos históricos. Diante disso, o que a autora Ana Luiza Mello Santiago de Andrade — doutora e professora substituta da Universidade de São Paulo (USP) — propõe é, principalmente, desatarcar a relevância das crônicas, ainda pouco exploradas como fontes históricas.

Partindo para o terceiro artigo, de autoria do doutor pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marcelo Fidelis Kockel, intitulado *Entre Ausências e Espectros: Tempo, Memória e Subjetividade na Autoficção de Hisham Matar*, manuscrito que traz para o centro do palco as obras auto ficcionais do literato contemporâneo Hisham Matar, um nova iorquino de ascendência libanesa. As obras de Matar contam como sua família foi forçada a sair da Líbia na década de 70, momento em que continuava em voga o longo regime ditatorial de Muammar Gaddafi, governo também responsável pelo desaparecimento de Matar na década de 90. É olhando para esse tipo de literatura que Kockel evidencia a incidência de um passado presentificado, constatação que traz para cena uma discussão historiográfica indispensável: a da não linearidade do tempo histórico, algo que se sustenta na percepção do passado como ausente e, paradoxalmente, presente. É essa sensibilidade contemporânea, que faz sentir o passado no “espaço de experiência” (Koselleck), a responsável por romper a tão insistentemente pregada hierarquia moderna do presente sobre o passado.

Passando para um enfoque distinto, mas sem perder o fio condutor dos diálogos entre História e Literatura, o manuscrito “*Eu me vejo indo até o bosque e deixando o carrinho ir ladeira abaixo*”: *A Maternidade em Morra, Amor* usa a narrativa ficcional de Ariana Harwicz (2019), que apresenta uma jovem mãe cujos impulsos contraditórios, que vão do amor à repulsa destrutiva, direcionados ao seu filho e a maternidade experienciada, revelam como a naturalização do papel maternal da mulher pode degringolar em um ambiente psicológico desintegrativo e perturbador. É partindo desse plano de fundo literário que as autoras Fabiane Pacheco da Cunha, Janaína dos Santos Puchalski e Flávia Theis Junges, mestrandas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), historicizam e problematizam as expectativas (im)postas a existência das mulheres — pressionadas como se esses padrões fossem biológicos e não ideais socioculturais construídos historicamente.

No mesmo compasso entra o artigo da doutoranda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Maria Eduarda Sampaio Alves: “*Mas um dia afinal eu toparei comigo*”: *Leituras da Poética Marioandadiana no Tempo Presente*. Assim como o texto anterior, este trata de questões sociais, identitárias, nesse caso, em vez de abordar a dimensão do gênero, traz à tona a racialidade e a sexualidade que atravessem a poesia de Mário de Andrade. Desse modo, a autora defende que a poesia marioandadiana não se limita apenas a uma experimentação estética, na verdade, constitui uma obra politizada, articulada com as problemáticas do seu tempo — ainda incidentes no nosso.

Já o manuscrito *A Imaginação Histórica Lgbtq+ e suas Narrativas: A Recepção de A Canção de Aquiles por Leitores Online* desenvolvido por Giordana Bueno Longoni, mestrandona da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), parte da obra literária *A Canção de Aquiles*, de autoria da estadunidense Madeline Miller (2011), que cria uma ficção histórica a partir do cenário da Guerra de Troia, trazendo para o centro da narrativa o relacionamento romântico entre Aquiles e Pátrocl. É dessa maneira que o livro faz um importante movimento de inclusão da comunidade LGBTQ+ que permanece sendo sistematicamente excluída do imaginário histórico coletivo. Diante dessa questão e dentro do contexto literário analisado, Longoni evidencia como a pesquisa historiográfica sobre a Antiguidade Clássica pode constituir um terreno fértil para se trazer à tona a participação de sujeitos *queer* na História, representação essa indispensável para que a comunidade LGBTQ+ contemporânea se veja nas narrativas sobre o passado.

Saindo um pouco de questões voltadas para a dimensão social, o doutorando da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Vinícius Azevedo,

em *Graciliano Ramos na União Soviética: Viagem (1954) e o PCB*, analisa a trajetória do Comunismo/Socialismo no contexto nacional e internacional através da obra póstuma *Viagem* de Graciliano Ramos (1954), pesquisa essa que possibilita, também, olhar para as relações entre arte e política no meio intelectual brasileiro da época.

Em sequência, o artigo *Por Trás da Máscara Pacífica do Regime: A Ficção Reveladora de Rubem Fonseca nos Anos de 1960* do doutorando da UFMG, Rubens Corgozinho, aborda um conjunto de contos de Rubem Fonseca escritos no e sobre o contexto da Ditadura Militar (1964-1985). Tal conjunto de fontes trazem à tona a brutalidade vivida na realidade urbana brasileira no período em que, contrariamente, o governo divulgava estar instaurada uma atmosfera pacífica e de cordialidade coletiva. Diante disso, o autor traça um paralelo com o presente, chamando atenção para um problema ainda central no Brasil contemporâneo: a desigualdade e as subjacentes práticas violentas e relações de dominação intrínsecas a ela.

Para encerrar o dossiê e ainda no cenário da Ditadura Militar brasileira, o artigo *O Narrador e os Mortos Insepultos da Ditadura em o Corpo Interminável (2019)*, de Cláudia Lage vem para explorar uma ficção literária baseada em um evento real e doloroso. A autora, mestrande da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Júlia de Almeida Prado, entendendo a memória como um campo de disputas políticas, onde o esquecimento e o rememorar produzem ausências e sentidos no tempo presente, por essa lente, a autora apresenta a obra *Corpo Interminável* de Claudia Lage (2019). Dentro da ficção, o protagonista busca reconstituir a memória de sua mãe, desaparecida política pela ditadura, é desse princípio que a narrativa se desdobra em uma potente representação simbólica dos traumas individuais e coletivos produzidos pela ditadura, os quais, deixaram marcas que perduram até hoje. Olhando para esse material e para o cenário político nacional (e internacional), marcado pela ascensão da extrema-direita, a autora articula uma bibliografia atualizada que ampara sua defesa da literatura, bem como dos testemunhos arquivados, como plataformas de luta política do presente, pois é apenas pelo espaço da memória que podemos dar voz aos desaparecidos e mortos pela ditadura, único movimento capaz de impedir novos ciclos de violência e subjugação políticas.

Para além do dossiê, a seção de artigos livres contempla dezenove textos com temáticas, abordagens e recortes espaço-temporais diversos. O artigo *Cozinha ou Cuisine? Um Olhar Comparado Entre Le Cuisinier Impérial (1806) e Cozinheiro Imperial (1840)* de autoria de Isis Fonseca Sá e de Thaina Schwan Karls — respectivamente, uma doutoranda e a outra professora adjunta da mesma instituição, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) —, assim como o artigo *A Trajetória do*

*Cuxá no Maranhão nos Séculos XIX e XX: Narrativas, Apropriações e Patrimônio Cultural* escrito por Liliane Faria Corrêa Pinto — professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) — e por Letícia Thalia Sousa de Souza — mestrandna da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) — ambos os manuscritos, a partir de fontes e recortes distintos, constroem investigações historiográficas que integram a ainda subalterna História da Alimentação.

O presente número também conta com vários artigos relativos aos povos tradicionais e originários no Brasil, temática de imprescindível relevância frente aos debates políticos da contemporaneidade. Os artigos em questão são: *Indígenas na Revista “A Defesa Nacional” (1988-1992): Nuances do Imaginário dos Oficiais do Exército*, manuscrito esse que disponibilizamos também na versão em inglês, graças ao recurso que nos foi concedido a partir do edital PROPe 14/2025 de Apoio Institucional aos Periódicos Científicos da UNESP, sendo o texto em questão de Alexandre Ataíde de Lima — mestrando da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME); “*Povos de Trajetórias*” no Sertão Paraibano: A Comunidade Quilombola Os Rufino de Larissa Sousa Fernandes, José Otávio Aguiar e Mara Karinne Lopes Veriato Barros — respectivamente, professora, professor titular e pós-doutoranda da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) —, este artigo também divulgamos em português e inglês; *O Manto Tupinambá: Entre o Colonialismo e a Arte Indígena Contemporânea* de Guilherme Susin Sirtoli, Juliana Avila Pereira e Tamara Juriatti — doutorando e doutorandas da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); *A subalternização da alma: Um Olhar Decolonial Sobre o Impacto das Missões Religiosas em O Abraço Da Serpente* de Lorena Tavares Militão, Waldimiro Maximino Tavares César e João Gustavo Kienen — professora e professor da Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM) e professor adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); *Diálogos Para uma História Através de Imagens: Um Estudo de Símbolos das Expressões Socioculturais Indígena Xukuru do Ororubá na Aldeia Vila de Cimbres (Pesqueira/PE)* de Ricardo Ferreira das Neves e Edson Hely Silva — professor e professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Pensando os fenômenos ideológicos e materiais que atravessaram a modernidade experienciada no século XIX, temos os artigos *Interfaces da ordem industrial: O Taylorismo e o Poder Disciplinar e o Percepções do Positivismo nos Escritos Críticos de Ramalho Ortigão e Gonzaga Duque*. Sem esquecer dos créditos aos autores, o primeiro artigo é escrito por Abraão Pustrelo Damião, professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), já o segundo é de autoria de Thiago Herdy, mestre pela Universidade do Estado

do Rio de Janeiro (UERJ).

Avançando um pouco no tempo, sobre o cenário político brasileiro, trazemos o manuscrito *A Defesa da Ordem e a Guerra ao Subversivo: Aspectos Jurídicos e Culturais*, uma produção acerca da Ditadura Militar elaborada em coautoria por Fernando Martins da C. Munhoz e Izabele Vila Real Diamante, ambos mestrandos da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Ainda falando sobre a dimensão política brasileira, apresentamos o artigo “*A Campanha mostrou quem estava de palhaçada*”: *O Debate Sobre a Participação de Humoristas e o Uso do Humor nas Propagandas Eleitorais de Teresina em 2012*, no qual, Higor Rafael de Sousa Aguiar em conjunto com Cláudia Cristina da Silva Fontineles, um mestre e a outra professora associada pela/da Universidade Federal de Piauí (UFPI), exploram uma “história cultural do político” ao olharem para o humor no contexto de propagandas eleitorais atuais.

Em um movimento análogo, o artigo *Un Secreto a Voces: Los Campos de Concentración en el Cine Durante la Segunda Guerra Mundial, O Latin Grammy e a Comunidad Cubana Exilada: Tensões, Embates e Disputas Entre 2000 e 2003*, bem como o *Kira Muratova, autora na margem do estado censor* fazem uma “história social da mídia”. Sobre a autoria, o primeiro manuscrito é de Lior Zylberman, professor da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidade Nacional de Três de Fevereiro (UNTREF), já o segundo é de autoria de Igor Lemos Moreira, professor colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC), por fim, o terceiro texto é de autoria de Iurii Kokin, mestre pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

Retrocedendo temporalmente, temos o artigo *Mundos imaginados na Época Medieval: A “Cartografia do Sobrenatural” a Partir de A Divina Comédia e da La Voragine dell’Inferno*. Escrito por Marcus Vinicius Reis, professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), o material contribui com os estudos relativos à História Medieval, sendo sua especificidade o enfoque sobre a dimensão do sagrado. Assim como esse manuscrito, *Uma Arqueologia Pública para o Sul-Sudoeste Mineiro*, de Solange Nunes de Oliveira Schiavetto — professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) — e Paulo Araújo de Almeida — colaborador do Museu Arqueológico, Histórico, Cultural e Ambiental (MAHCA) — destoa das demais produções deste número, sendo o único artigo a tratar da área arqueológica.

Finalizando o vasto material da seção de artigos livres, damos a conhecer três revisões historiográficas, sendo essas: *Historiografia do crime e da Violência no Paraná: Um panorama Sobre os Últimos 40 anos (1985-2025)* de Lucas Kosinski, Hélio

Sochadolak e Clóvis Mendes Gruner — sendo os dois primeiros autores, professores da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e o terceiro professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR); *História Única e Silenciamento nos Discursos Sobre a História de Tarrafas-Ce* de Wesley Guilherme Idelfoncio de Vasconcelos, Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro e Sandra Maia Farias Vasconcelos — respectivamente, doutorando da Universidade Federal do Ceará (UFC), professora da Universidade Regional do Cariri (URCA) e professora titular da Universidade Federal do Ceará (UFC); *Humanismo, Virtù e a Vida Pública no Decorrer do Movimento Renascentista: Entre a Vita Activa e a Vita Contemplativa* de Jordana Eccel Schio — doutoranda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O último manuscrito que divulgamos é uma entrevista produzida por Rafael Barbosa de Jesus Santana, doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo material intitula-se *Literatura em Serra Leoa nos Séculos XX e XXI: Entrevista com Elizabeth L.A. Kamara*.

O corpo de artigos que compõem as seções deste número da *História e Cultura* propicia aos leitores uma pluralidade de temáticas, recortes, abordagens e metodologias, as quais, levam a diferentes reflexões historiográficas. Não obstante, o número reúne um grupo heterogêneo de pesquisadores(as), vindos não só de diversas regiões e instituições nacionais, como também de instituições internacionais, o que contribui imensamente com a multiplicidade de perspectivas em nosso periódico. Ressalto ainda que o presente número, assim como os demais já publicados, é resultado de um trabalho feito por inúmeras mãos, editores e autores, empenhados em fazer circular pesquisas que contribuam com o conhecimento historiográfico e que fomentem debates acerca da História. Agradecemos, então, a todos os envolvidos no processo desta publicação, aos autores, aos pareceristas, aos editores, aos professores e a todos os demais colaboradores.

Nós, do Corpo Editorial da revista *História e Cultura*,  
desejamos a todos(as) uma ótima leitura!